



# RECORTES DE IMPRENSA

## NOVEMBRO 2012



COM O APOIO:





## Barca da Vida debate violência doméstica



**Encontro** realiza-se no dia 12

**A ASSOCIAÇÃO** Barca da Vida vai realizar no dia 12, na Assembleia Figueirense, das 15h00 às 17h00, um workshop subordinado ao tema da "Violência Doméstica". Participam como oradores, representantes da PSP, da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), a directora técnica da Comunidade de Inserção Renascer

Arménia Boletto, da Cáritas Diocesana de Coimbra, a jurista Mafalda Azenha.

Iniciativa aberta a todos os interessados, que tem como objectivos promover a reflexão e o debate sobre a problemática da violência doméstica e simultaneamente, informar/consciencializar/formar todos os presentes. ◀



# Advogados de Lisboa dão consultas gratuitas durante um dia

**Justiça**  
**Mariana Oliveira**

Se vive na Área Metropolitana de Lisboa e tem uma dúvida jurídica que há muito queria esclarecer, esta é a sua oportunidade. Mais de 100 advogados vão fazer hoje consultas gratuitas em 11 concelhos da Grande Lisboa. Para participar basta aparecer num dos gabinetes entre as 10h e as 17h.

Esta é a 6.ª edição do Dia da Consulta Jurídica Gratuita, organizada pelo Conselho Distrital de Lisboa da Ordem dos Advogados (OA). A iniciativa é aberta a todos os cidadãos, nacionais e estrangeiros, independentemente da sua situação económica.

“Num contexto de crise social e económica, que afecta milhares de portugueses e abala a sociedade, o Dia da Consulta Jurídica Gratuita

traduz-se num apoio efectivo fundamental aos cidadãos, especialmente, aos mais carenciados, respondendo a questões de carácter jurídico”, sublinha a organização.

Os gabinetes vão funcionar em Almada, Amadora, Benavente, Cascais, Lisboa, Loures, Mafra, Seixal, Sesimbra, Sintra e Vila Franca de Xira. Alguns vão estar localizados em instalações da Ordem e outros junto de parceiros da iniciativa, como a Cruz Vermelha Portuguesa, a Abraço, a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima ou a Amnistia Internacional. No Conselho Distrital de Lisboa da OA, na Rua dos Anjos, em Lisboa, vão funcionar sete gabinetes que vão estar divididos por ramos do direito.

A iniciativa, que ocorre desde 2006 (com um interregno o ano passado), tem contabilizado uma média de mil consultas jurídicas por edição.





# Idosos já abandonam casas com medo de voltarem a ser assaltados

JULIA FREEMAN-WOOLPERT



Roubos no interior da residência podem deixar mazelas graves nas vítimas, a nível físico e psicológico

APAV afirma que idosos assaltados não apresentam queixa porque receiam pela sua integridade devido a ameaças, inclusive de morte

PAULO FAUSTINO  
pfaustino@acorianoriental.pt

Há idosos que já foram assaltados nas suas casas e que as abandonaram por terem medo de novos assaltos.

Quem o diz é a responsável nos Açores pela Associação de Apoio à Vítima (APAV), que não quantifica os casos, porque nem sem-

pre os idosos pedem apoio a esta organização ou apresentam queixa na Polícia. O facto é que existem pessoas que, sem suporte familiar, já tiveram de ser acolhidas num lar. Outras, que contando com esse suporte, foram temporariamente acolhidas por membros da família, de forma a que pudessem ser reforçados os mecanismos de segurança da casa para mais tarde poderem regressar. Também existem casos em que os familiares ficam algum tempo em casa do idoso para que este se sinta mais protegido, após o reforço das medidas de segurança na sua residência.

Segundo Helena Costa, há muitos idosos que se mostram relutantes em apresentar queixa, des-

de logo devido à existência de ameaças. São pessoas de idade avançada, mais vulneráveis e preferem não pedir ajuda com medo de voltarem a ser violentados pelos agressores. "Alguns idosos vítimas de roubo afirmam que, após o assalto, os ofensores os ameaçaram de morte em caso de apresentação de queixa. As vítimas, para além de sofrerem um trauma imediato decorrente do episódio violento, temem voltar a ser vítima novamente e por isso não apresentam queixa e não procuram o apoio da APAV", evidencia a responsável.

O facto é que os roubos no interior de moradias podem gerar "sequelas graves" nas vítimas, tanto físicas (como se viu no caso do idoso

de 92 anos, que morreu há dias após um assalto violento à sua casa em Ponta Delgada), como psicológicas. Compreende-se: "Qualquer pessoa perante um roubo na casa sente a sua privacidade invadida e a sua segurança ameaçada. No caso das pessoas idosas esse medo pode agravar-se sobretudo se viverem num sítio ermo ou se se tratar de uma pessoa a viver só", explica.

Nos Açores, a APAV também ajuda os idosos que lidam com situações de crime, contando com a parceria de diversas instituições e entidades, entre as quais a Segurança Social, Santa Casa da Misericórdia, casas do povo, centros de saúde e lares de idosos.

## Visão da Ilhas em Movimento

A Associação Ilhas em Movimento defende a existência, por exemplo, de mais sistemas de videovigilância para reforçar o sentimento de segurança nos Açores. O seu presidente, o advogado Ricardo Pacheco, alerta para a existência de um crescente número de toxicodependentes, "que a tudo se predispõem fazer para satisfazer o seu vício". Inclusive o roubo de idosos. Problema que só não atinge uma dimensão mais grave porque centenas de dependentes estão a ser medicados e acompanhados nos programas com metadona. "Se essas pessoas roubam e furtam visando o consumo não será tempo de pensarmos numa forma de as mesmas não necessitarem de praticar estes factos? Será que a saúde pública que suporta uma criminalização merece prevalecer sobre a saúde e a segurança de todos aqueles que são candidatos a serem vítimas de um ilícito", questiona a propósito. ♦





ID: 44729981

14-11-2012

## 40% das crianças assistem à violência doméstica

Quatro em cada dez ocorrências de violência doméstica participadas à PSP e à GNR foram presenciadas por menores, revela o relatório anual das forças de segurança, com base em quase 30 mil participações deste crime feitas no ano passado. Em 2011 foram registadas pelas forças de segurança 28.980 participações de violência doméstica, 17.495 das quais pela PSP (60,4%), 11.485 pela GNR (39,6%), o que correspondeu a uma diminuição de 7,2% relativamente a 2010.



ID: 44688338

12-11-2012

OLHÃO ■ DETIDO EM FLAGRANTE PELA PSP POR VIOLÊNCIA CONTRA A EX-MULHER

# Ex-marido violento volta e ameaça matar

■ Agentes encontraram o homem escondido na casa da vítima, onde estava proibido de entrar devido a episódios anteriores de violência doméstica. Voltou a ameaçar a mulher de morte

● ANA PALMA/RUI PANDO GOMES

**Q**uando regressou a casa, em Olhão, na madrugada de ontem, Maria (nome fictício) teve o pressentimento de que qualquer coisa não estava bem. Com um passado marcado pela violência doméstica, a mulher, de 38 anos, suspeitou de que o homem, de 30, pudesse estar à sua espera, dentro de casa, facto que acabou por ser confirmado pela PSP, que deteve o indivíduo em flagrante a ameaçar de morte a mulher.

Segundo o CM apurou junto de fonte policial, a detenção ocorreu pelas 06h00 de ontem, na rua José Agostinho de Macedo. "O homem estava proibido pelo tri-

bunal de entrar na casa da vítima. Mas foi no interior da habitação que os agentes o encontraram, escondido, à espera da mulher", confirmou a fonte policial.

O historial de violência doméstica por parte do detido é já antigo, tendo sido a vítima alvo

de "várias ameaças de morte e agressões", referiu a mesma fonte. A proibição de o detido entrar na habitação da vítima remonta "há cerca de dois anos". O casal está separado há anos, mas o homem nunca terá aceiteado a situação. Já por várias vezes repetiu as ameaças contra a vida da ex-mulher. A casa situa-se no centro da cidade, numa zona não muito distante daquela onde, há dois meses e meio, uma mulher foi estrangulada pelo ex-companheiro (ver Pormenores).

Segundo dados da Associação Portuguesa e Apoio à Vítima (APAV) a que o CM teve acesso, em 2011 foram sinalizados 1181 casos de violência doméstica em todo o Algarve. Curiosamente

foi nas zonas de Faro e Olhão que aconteceram mais casos: 364.

"Há cada vez mais vítimas a procurarem os gabinetes de apoio. Neste contexto de crise, podem proporcionar-se mais situações de violência", explicou ao CM Mário José, da APAV. ■

**Sinalizados 1181 casos de violência em toda a região durante 2011**



Crise está a agravar situações de violência doméstica

## 🔍 PORMENORES

● **MULHER ESTRANGULADA**  
No dia 3 de Setembro, uma mulher foi encontrada morta em casa depois de ter sido agredida pelo ex-companheiro, em Olhão. A vítima, Maria José Costa, foi estrangulada e agredida com violência na cabeça.

● **AMEAÇADA NA RUA**  
Dias depois, também em Olhão, uma mulher foi agredida à estalada pelo ex-namorado em plena rua. A vítima, Marisa Abreu, morava no mesmo prédio em que Maria José fora assassinada dias antes.

● **GABINETES AJUDAM**  
No Algarve, há um total de cinco gabinetes da APAV que prestam ajuda a vítimas de violência:  
**Portimão (282 484 407),**  
**Albufeira (289 585 770),**  
**Loulé (289 422 832),**  
**Faro (289 820 788)**  
**e Tavira (281 320 592).**

JOÃO CORTESÃO



# Violência Doméstica

**“Todos os seres Humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos.”** Declaração Universal dos Direitos do Homem (1949), Art.1.º

## Violência Doméstica, o que é?

- Tem medo do temperamento do seu namorado (a) ou companheiro (a)?
- Tem medo da reacção dele(a) quando não têm a mesma opinião?
- Ele(a) ignora constantemente os seus sentimentos?
- Goza com as coisas que lhe diz?
- Procura ridicularizá-lo(a) ou fazê-lo(a) sentir-se mal em frente dos seus amigos ou de outras pessoas?
- Alguma vez lhe fez ameaças?
- Alguma vez lhe bateu, deu um pontapé, empurrou ou lhe atirou com algum objecto?
- Não pode estar com os seus amigos e com a sua família porque ele (a) tem ciúmes?
- Alguma vez foi forçado(a) a ter relações sexuais?
- Tem medo de dizer “não” quando não quer ter relações sexuais?
- É forçada(o) a justificar tudo o que faz?
- Já foi acusada(o) injustamente de estar envolvida ou ter relações sexuais com outras pessoas?
- Sempre que quer sair tem que lhe pedir autorização?

A presença de um ou mais destes comportamentos, sobretudo utilizados para controlar as outras pessoas, pode significar que é vítima de violência física, psicológica ou sexual no seu relacionamento. A violência doméstica é crime. E a violência exercida entre pessoas do mesmo sexo, no seu relacionamento, também é violência doméstica.

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima considera Violência Doméstica **“qualquer conduta ou omissão de natureza criminal, reiterada e/ou intensa ou**

**A Violência Doméstica é um atentado à dignidade do Ser Humano.**

*não, que infligia sofrimentos físicos, sexuais, psicológicos ou económicos, de modo directo ou indirecto, a qualquer pessoa que resida habitualmente no mesmo espaço doméstico ou que, não residindo, seja cônjuge ou ex-cônjuge, companheiro/a ou ex-companheiro/a, namorada ou ex-namorada, ou progenitor de descendente comum, ou este-*



*ja, ou tivesse estado, em situação análoga; ou que seja ascendente ou descendente, por consanguinidade, adopção ou afinidade. A violência exercida entre pessoas do mesmo sexo no seu relacionamento também está englobada neste conceito”.*

Nas situações de Violência Doméstica vários crimes podem ser cometidos pelo agressor contra a vítima como por exemplo: ameaça; coacção; difamação; injúria; subtracção de menor; violação da obrigação de alimentos; violação sexual; abuso sexual; agressão física e/ou psicológica e

## Portal da Amizade

Por  
Dr.ª Corina Lopes



emocional ou mesmo o homicídio....

Os casos de violência doméstica estão a aumentar em Portugal segundo as conclusões de um estudo efetuado pela APAV divulgado no início do passado mês de Março. Segundo esta entidade, em 2011, verificaram-se, em média, 19 agressões por dia e as mulheres continuam a ser as principais vítimas de agressões domésticas, representando 83 por cento das denúncias.

Na linha da frente, para ajudar quem é confrontado com uma situação de violência doméstica, estão as forças de segurança, os serviços de saúde, as Organizações Não Governamentais (ONGs), as Instituições Particulares de Solidariedade Social (IPSS), os Gabinetes de Apoio à Vítima.

Este é um assunto que tem “pano para mangas” isto é, tem muito para se dizer. Por isso iremos voltar a ele na próxima semana. No entanto não vos queremos deixar sem referir que a Violência doméstica é crime público e, como tal, deve ser denunciado.



Deixamos aqui alguns contactos úteis:

Polícia de Segurança Pública – 249810020

Guarda Nacional Republicana - 249839340

UMAR - 218 867 096

Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) - 707 200 077

Associação de Mulheres Contra a Violência - 213 802 160

Linha Nacional de Emergência Social (LNES) - 144

Casa da mãe - Obra de promoção social do distrito de Coimbra - 239 827 666 / 963 667 059

Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género - 217 983 000 (Lisboa) - 222 074 370 (Porto)

Serviço de Informação a Vítimas de Violência Doméstica - 800 202 148

E não esqueça:

**Acredite em si – é possível recomeçar uma vida sem violência. Dê a si e aos seus filhos uma oportunidade de serem felizes.**





JUSTIÇA ■ ESTÃO PREVISTAS ACÇÕES DE SENSIBILIZAÇÃO DOS JUÍZES



TIAGO SOUSA DIAS

O número de reclusos por violência doméstica passou de 113, em 2010, para 284, em 2012

## 36 mulheres mortas até Outubro

● Até Outubro deste ano morreram 36 mulheres vítimas de violência doméstica, o que dá uma média de três mulheres assassinadas por mês. De acordo com os dados oficiais mais recentes, do Observatório da UMAR – União de Mulheres Alternativa e Resposta, outras 31 foram vítimas de tentativas de homicídio por parte dos maridos ou ex-companheiros. O número de mortes tinha diminuído de 2010 para 2011, passando de 48 para 40, mas a dois meses do fim do ano de 2012 as estatísticas já contabilizam 36 mortes no contexto de violência doméstica. ■

# Duplicam reclusos por violência doméstica

■ Secretária de Estado da Igualdade critica aplicação de penas suspensas nestes casos

● ANA LUÍSA NASCIMENTO

O número de reclusos por violência doméstica mais do que duplicou nos últimos dois anos, passando de 113, em 2010, para 284, em 2012, segundo os dados mais recentes, referentes a Outubro.

“É um progresso. Está-se a punir mais pelo crime de violência doméstica e a penalizar mais a sua prática. Mas é um trabalho que tem de continuar e tem de se intensificar”, diz ao **CM** Teresa Morais, secretária de Estado da Igualdade, que promove as Jor-

### 🔍 PORMENORES

● **CENTROS DE EMPREGO**  
Até Outubro, 195 mulheres vítimas de violência doméstica já beneficiaram de atendimento prioritário nos centros de emprego, das quais 66 foram colocadas em postos de trabalho e em programas de formação.

● **TELEASSISTÊNCIA**  
O número de aparelhos de teleassistência em utilização – que permite às mulheres acionar um alerta à Cruz Vermelha em caso de perigo – passou de 20, em 2011, para 36, em Outubro deste ano.

nadas Nacionais contra a Violência Doméstica – tiveram ontem início e decorrem até 15 de Dezembro.

A governante destaca o progressivo aumento do número de reclusos pelo crime de violência doméstica – dos 284, 200 são condenados e 84 estão na situação de prisão preventiva –, mas reconhece que continua a haver muitas penas suspensas aplicadas nestas situações, o que constitui um perigo para a segurança das vítimas. “É preciso continuar o trabalho de sensibilização dos magistrados, e nestas jornadas haverá uma acção específica organizada pelo

Centro de Estudos Judiciários”, revela Teresa Morais, considerando que “sem uma condenação justa dos agressores não teremos este problema resolvido”. “É um

caminho muito lento”, admite a secretária de Estado, que anunciou esta semana a atribuição de 500 mil euros às vítimas de violência doméstica para recomencem a sua vida quando saem das Casas Abrigo.

Entretanto, ontem, o Conselho de Ministros aprovou a Convenção do Conselho da Europa para a Prevenção e o Combate à Violência contra as Mulheres, que institui “mecanismos de prevenção e medidas de protecção legal”. ■

**Teresa Morais diz que sem penas justas não se resolve problema**



## COORDENADORA DA APAV DIZ QUE OS CASOS DE VIOLÊNCIA ENVOLVENDO CRIANÇAS SÃO FREQUENTES CRESCER A PRÁTICA PERIGOSA DE CYBERBULLYING ENTRE AS JOVENS MICAELENSES

Helena Costa é coordenadora da Associação de Protecção e Apoio à Vítima nos Açores.

Em entrevista ao nosso jornal refere que “sempre que existe uma mulher que regista uma queixa por violência doméstica e que esta tenha filhos, sabemos desde logo que estas crianças também vão ter questões associadas, nomeadamente assistir, ouvir estas mesmas situações de violência. Estas crianças e jovens também são vítimas deste mesmo crime”.

Mas no dia em que se assinala, mundialmente, a prevenção da violência doméstica contra as crianças e adolescentes, a nossa entrevista foi mais além e ficou



a conhecer os meandros de uma outra realidade que tem vindo a crescer junto dos jovens adolescentes: o cyberbullying. Segundo a responsável da APAV em Ponta Delgada, “há cada vez mais jovens do sexo feminino a “esconderem-se” atrás do computador e do telemóvel para atacar colegas”. Os dados nacionais referem mesmo que quatro em cada dez ocorrências de violência doméstica participadas à PSP e à GNR foram presenciadas por menores, revela o relatório anual das forças de segurança, com base em quase 30 mil participações deste crime, feitas no ano passado.

p.p. 6 e 7



### SEGUNDO ESTUDO DA INFORMA D&B A REGIÃO TEM CADA VEZ MENOS EMPRESAS

O número de insolvências e dissoluções naturais de empresas têm vindo a aumentar nos Açores, de acordo com um estudo da empresa Informa D&B, chegando a ser “em termos relativos” superiores às do continente. Por outro lado, a criação de empresas tem diminuído. O estudo, divulgado num encontro de empresários, promovido pela Câmara de Comércio de Angra do Heroísmo, regista 37 insolvências no arquipélago, em 2011, e 135 dissoluções naturais (empresas que querem cessar actividade de modo próprio).

p. 3

### NUNO FONSECA É UM DOS GRANDES DINAMIZADORES OS AÇORES SÃO UM DESTINO DE EXCELÊNCIA PARA O GEOCACHING

O sector do «turismo activo» está em crescimento no mundo e já não é preciso voltarmos a ser crianças para soltarmos o catraio dentro de nós e pô-lo a jogar. O geocaching, é a combinação perfeita para quem quer combinar as suas capacidades de adulto com a sua imaginação de criança, brincando à “busca do tesouro”. Há mesmo quem afirme que pelo ‘geocaching’, passa o futuro do turismo nos Açores face à dinâmica que esta actividade tem vindo a ter na nossa região e no todo nacional.

p.p. 8 e 9



## LEONARDO JANUÁRIO AMARAL, PRESIDENTE DO CONSELHO EXECUTIVO DA ESCOLA SECUNDÁRIA DE LAGOA OS MOMENTOS CONTURBADOS EM QUE VIVEMOS EXIGEM QUE A ESCOLA APOSTE NA FORMAÇÃO DOS CIDADÃOS

A Secundária da Lagoa comemora amanhã 11 anos de existência. Em entrevista ao AE, o presidente do Conselho Executivo, Leonardo Amaral, salienta que “por parte da comunidade, existe um reconhecimento que vai muito para além das distinções e das palavras de carinho e gratidão que os pais e encarregados de educação, antigos alunos e entidades públicas e privadas dirigem à Escola”.

Sobre a efeméride que aquele estabelecimento de ensino comemora, Leonardo Amaral acrescenta que “o aniversário da Escola é sempre um

momento em que se faz um balanço do percurso da nossa Escola, em que se partilha com a comunidade o nosso ser e fazer Escola, um momento que se dedica a distinguir todos os alunos que se realçaram por um percurso cívico e académico exemplares”.

O presidente do executivo da secundária lagoense acrescenta mesmo que as grandes metas passam por “continuar a melhorar o sucesso escolar de todos os que aqui estudam; manter a fasquia elevada no que se refere à manutenção de espaços e equipamentos, bem como no âmbito da promoção da



sustentabilidade das práticas inovadoras; continuar a levar os alunos a entenderem que a Escola - e as aprendizagens que ela faculta – são impor-



tantes para o seu dia-a-dia e para a sua vida futura, enquanto cidadãos e profissionais deste século.

p. 4



Dia Mundial da Prevenção da Violência Doméstica Contra Crianças

# Crianças que assistem a agressões por reproduzir comportament



**Helena Costa é a Coordenadora da Associação de Protecção e Apoio à Víti-  
ma em Ponta Delgada. Em entrevista ao nosso jornal refere que “sempre que  
existe uma mulher que regista uma queixa por violência doméstica e que esta  
tenha filhos, sabemos desde logo que estas crianças também vão ter questões  
associadas, nomeadamente assistir, ouvir estas mesmas situações de violência.  
Estas crianças e jovens também são vítimas deste mesmo crime”. Mas no dia  
em que se assinala, mundialmente, a prevenção da violência doméstica contra  
as crianças e adolescentes, a nossa reportagem foi mais além e ficou a conhe-  
cer os meandros de uma outra realidade que tem vindo a crescer junto dos jo-  
vens adolescentes: o cyberbullying. Segundo a responsável da APAV em Ponta  
Delgada, “há cada vez mais jovens do sexo feminino a “esconderem-se” atrás  
do computador e do telemóvel para atacar colegas”.**

**A APAV em Ponta Delgada tratou no ano  
passado de 629 processos. É possível conhe-  
cer-se o universo de casos que envolviam vio-  
lência doméstica e em que existiam crianças  
que assistiram ou estiveram envolvidas neste  
mesmo comportamento?**

Sempre que existe uma mulher que regista uma queixa por violência doméstica e que esta tenha filhos, sabemos desde logo que estas crianças também vão ter questões associadas, nomeadamente assistir, ouvir estas mesmas situações de violência. Estas crianças e jovens também são vítimas deste mesmo crime.

Relativamente a números, do total dos processos que a APAV recebeu, 85% diziam respeito a situações de violência doméstica. Daí dizer que é muito raro acompanharmos um agregado familiar envolvido e que não tenha filhos.

**E estamos a falar de crianças muito novas?**

Depende dos agregados. Há crianças que,

desde que nascem, já sabem o que é violência doméstica e há outras que, e que nos referem que estas situações são mais recentes.

**Violência contra um elemento do agrega-  
do familiar adulto é-o indirectamente tam-  
bém sobre as crianças?**

Costuma-se dizer que sim, que é indirecta, na medida em que as crianças não serão o alvo directo das agressões físicas ou psicológicas. Mas na verdade não é isso que acontece. As crianças são vítimas mais do que directas desta violência doméstica. O assistir a estas situações e o saber que elas existem – uma vez que as crianças se apercebem através das marcas no rosto ou no corpo do/da agredida ou porque estão noutra divisão da casa mas ouvem os gritos e as agressões verbais – vão levar a que estas crianças não tenham, futuramente, um crescimento equilibrado. Mais tarde, a possibilidade de reproduzirem o padrão de violência no qual cresceram na família, acaba por ser muito elevada.

**O número de denúncias a chegar às mãos da vossa delegação em Ponta Delgada tem vindo a aumentar de ano para ano. Isto deve-se ou não, em seu entender, ao aumento dos casos de violência doméstica neste concelho?**

Não de todo. O facto de existir uma maior participação por parte das vítimas dos crimes de que são alvo às autoridades e a associações como a nossa significa que as pessoas sabem que têm quem as possa apoiar e por isso recorrem a estas. Significa sim que existe uma maior disponibilidade para que as vítimas possam socorrer-se dos recursos disponíveis, de forma a conseguir resolver o seu problema.

**Então existe uma maior proximidade já para com a APAV...**

Exactamente. Quando começámos a trabalhar em São Miguel ocupávamos o último lugar nos gabinetes que temos espalhados por todo o país. Hoje já estamos em terceiro lugar, também porque temos nos Açores algo diferente do que acontece no continente: estamos mais próximos das pessoas, trabalhamos em rede com os outros serviços, nomeadamente com a Polícia de Segurança Pública.

**Citando casos reais, é possível descrever casos de crianças vítimas “indirectas” desta violência doméstica?**

Há crianças que ficam marcadas para toda a vida. Assistimos crianças que foram vítimas de uma violência psicológica e em que estas nascem e crescem num contexto de violência verbal e que depois, na escola, acabam por reproduzir estes comportamentos. E temos também as situações mais graves, de homicídio conjugal, em que há crianças que já chegaram a assistir à morte de um dos seus progenitores pelo outro elemento do casal. E sim, vão ficar marcadas para toda a sua vida.

**E os contactos com as autoridades também são, muitas vezes, iniciados pelos mais novos?**

Às vezes. Mas também surgem-nos situações em que as crianças não nos chegam por

situações de violência doméstica mas sim por terem problemas na escola, por serem vítimas de bullying ou com um comportamentos que levam os responsáveis escolares a pedir aconselhamento à APAV. Neste contexto, as crianças acabam por nos dizer o que se passa.

**Estas crianças têm recebido todo o apoio necessário para conseguirem ultrapassar esta fase das suas vidas?**

Apoio elas têm, mas o problema é que por mais apoio que recebam, a situação em casa permanece. São menores, estão confiadas aos seus pais e por mais apoio que possam receber, regressam à sua casa. Em Portugal, ao contrário do que acontece em outros países, não há uma grande aposta relativamente à intervenção precoce. Muitas destas crianças são só referenciadas quando já têm 15 ou mais anos ou então quando já começam a ser vítimas de violência no namoro. E aí já é tarde para se intervir de forma mais precoce. Também reconhecemos que os técnicos existentes nas escolas são poucos para abordar esta temática em contexto escolar. Os professores estão também sobrecarregados com outros assuntos, o que me leva a concluir que faltam nas escolas equipas que possam lidar com estas situações.

Na minha opinião, ao nível dos jardins-de-infância e das escolas básicas do primeiro ciclo falta um serviço técnico profissional para diagnosticar as situações de violência doméstica no contexto familiar destas crianças, para depois passar a um plano de acção acompanhado para se perceber qual o impacto deste tipo de comportamentos na vida dos mais novos.

**QUATRO EM CADA 10 CASOS  
DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA  
É PRESENCIADA POR MENORES**

Quatro em cada dez ocorrências de violência doméstica participadas à PSP e à GNR foram presenciadas por menores, revela o relatório anual das forças de segurança, com base em





anças e Adolescentes

# em casa acabam tos na escola



quase 30 mil participações deste crime feitas no ano passado.

Em 2011 foram registadas pelas forças de segurança 28.980 participações de violência doméstica, 17.495 das quais pela PSP (60,4%), 11.485 pela GNR (39,6%), o que correspondeu a uma diminuição de 7,2% relativamente a 2010. Segundo o documento, 26.791 participações foram registadas no Continente (92,4%), 1.238 nos Açores (4,3%) e 951 na Madeira (3,3%).

Em média, as forças de segurança receberam 2.415 participações por mês, 79 por dia e três por hora, menos uma do que em 2010.

Em 42% dos casos, as ocorrências foram presenciadas por menores, refere o relatório anual de monitorização de ocorrências participadas às forças de segurança publicado no site da Direção-Geral da Administração Interna (DGAI)

Lisboa foi o distrito que registou o maior número de participações (6.741), seguindo-se o Porto (6.039), Setúbal (2.282), Aveiro (1.795) e Braga (1.698).

Agosto é o mês em que se registaram mais queixas, mantendo-se a tendência para uma maior proporção de participações à segunda-feira (17%) e uma maior proporção de ocorrências ao fim de semana (34%).

Mais de um terço das participações (34%) foi feito entre as 19 e as 24 horas, seguindo-se o período da tarde (33%), entre as 13 e as 18 horas.

Geralmente as situações tiveram como consequências para a vítima ferimentos ligeiros (48%). Contudo, em cerca de um por cento dos casos os ferimentos resultantes foram graves.

O relatório adianta que, em cerca de 30% dos casos, as forças de segurança entraram no domicílio do denunciado e da vítima.

Em 78% dos casos as ocorrências sucederam numa casa particular e 17% na via pública ou em espaços públicos “fechados”.

A violência física esteve presente em 73% das situações, a psicológica em 78%, a sexual em 2%, a económica em 7% e a social em

8,5%.

O documento aponta que 85% das vítimas são mulheres, casadas ou em união de facto (51%), com uma idade média de 40 anos, não dependendo economicamente do denunciado (78%).

Mais de dois terços tinham habilitações literárias iguais ou inferiores ao 9º ano e 24% possuía habilitações ao nível do ensino secundário ou superior.

Metade das vítimas encontrava-se empregada (50%), 22% estavam desempregadas, 12% eram domésticas, 10% eram reformadas/pensionistas e as vítimas estudantes representavam 7%.

Os alegados agressores são homens (88%), casados ou em união de facto (53%), com uma idade média de 41 anos e não dependem economicamente da vítima (86%).

Em quase três quartos dos casos os denunciados possuíam habilitações iguais ou inferiores ao 9º ano (74%) e cerca de 19% possuía habilitações ao nível do ensino secundário ou do ensino superior.

A maioria encontrava-se empregada (62%), 25% estavam desempregados, 9% em situação de reforma, 3% eram estudantes ou domésticos;

## VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E MAUS TRATOS

A família é um espaço de cuidado, de amor, de afecto e de segurança. No entanto, algumas crianças e jovens podem ser vítimas de violência na sua própria casa. Quando os cuidadores adoptam intencionalmente comportamentos que violam o seu bem-estar e prejudicam o seu desenvolvimento.

- Violência psicológica e emocional
- Exposição à violência inter-parental
- Abandono
- Violência física
- Exploração pelo trabalho

Ana Coelho

Cyberbullying cresce junto das jovens micaelenses

## Raparigas “escondem-se” atrás do computador e do telemóvel para atacar colegas

*Mais de um terço das 1.240 pessoas inquiridas pela revista Proteste em Agosto deste ano afirmaram já ter sido vítimas de bullying na escola, no trabalho ou na Internet.*

*Os resultados deste inquérito, que vão ser divulgados na edição de setembro da Proteste, indicam que 12% das vítimas de bullying escolar mantêm recordações que os perturbam mesmo na idade adulta.*

*O bullying pode ser definido como um comportamento agressivo, físico ou verbal, repetido no tempo em relação a uma vítima que não é capaz de se defender.*

*Na análise feita aos inquiridos que já foram vítimas de bullying no ciberespaço, fica demonstrado que o fenómeno é mais frequente entre os 18 e os 24 anos. Aqui, a estratégia passa por escrever frases replicadas nas redes sociais ou enviar mensagens sem remetente para provocar medo ou intimidar. Nos Açores esta é uma realidade que tem vindo a crescer... entre as raparigas.*



**Referia-me, há pouco, que têm surgido casos de bullying identificados pela APV aqui em São Miguel? Tem sido crescente o número destes?**

Depende. Às vezes são referenciados como tal e não o são e outras vezes é ao contrário. Mas temos de ter em atenção que o bullying não é uma briga na escola. Para assim o ser tem de ter em consideração vários aspectos, nomeadamente a persistência das agressões – sejam elas físicas ou verbais ou até mesmo psicológicas – e estas terem um carácter persecutório por parte dos agressores para com a vítima. As situações que configuram o cenário de bullying não são muitas. É normal aparecerem, sim, com maior frequência, as situações de cyberbullying através das redes sociais e dos sms’s, por telemóvel. Isso acontece porque nestas situações os supostos agressores escondem-se atrás de um número de telefone ou de um perfil falseado.

Aparecem-nos, portanto, neste momento, mais situações de cyberbullying do que de bullying.

**E as denúncias chegam de que forma?**

Através de pessoas que viram os seus perfis das redes sociais invadidos, ou que se queixam de uso abusivo nos seus perfis, de comentários pouco apropriados e – por vezes – caluniosos. Este é um tipo de comportamento delinquente que tem, claramente, vindo a aumentar.

**Continuamos a falar da realidade de São Miguel?**

Sim.

**Estamos a falar de jovens, portanto...**

Sim, jovens que têm acesso à internet facilitado, com perfis nas redes sociais e que possuem telemóveis. Em suma, com idades a partir dos 13 anos de idade.

**Concluo que serão mais as jovens a surgir com estas denúncias?**

Exacto. Regra geral a delinquência no feminino não é feita de corpo a corpo. São comportamentos mais silenciosos.

**Então as agressoras também são do sexo feminino?**

Sim. No masculino assiste-se a uma violência mais física e agressiva. No feminino é o oposto. Mas também não é fácil chegar ao autor dos comportamentos ligados ao cyberbullying.

**Estas situações são depois encaminhadas para as entidades policiais competentes nesta matéria?**

Depende. Muitas das jovens que chegam até nós nem querem tanto apresentar queixa mas sim que estes ataques e ofensas terminem. O que tentamos é ver, dentro da navegação que fazem, quais as medidas de segurança a adoptar. Existem regras e regras de segurança e, muitas vezes, cumprindo as mesmas, isso termina. Mas também há situações em que o cyberbullying pode deixar sequelas graves nas vítimas, e isso implicará um acompanhamento psicológico, mais intensivo, bem como que a vítima queira apresentar queixa junto das autoridades para ser ressarcida dos danos morais de que foi alvo.

**Tem conhecimento de casos de cyberbullying que tenham degenerado em violência real?**

Nós nunca tivemos conhecimento de nenhum, mas sabemos que existem na realidade.

Ana Coelho



## Domestic violence

**APAV** || A total of 1,181 cases of domestic violence in the Algarve, some resulting in death or serious injuries, were recorded in 2011, according to information released by the *Associação Portuguesa e Apoio à Vítima* (APAV). The highest number (364) occurred in the areas of Olhão and Faro.

In early September, a woman was strangled and beaten to death in her home in Olhão after being attacked by her ex-partner.

A few days later, in Olhão, a woman was attacked and punched in the street by her ex-boyfriend.

The rise in the number of victims seeking help from the APAV is thought to be partly due to domestic hardship caused by the economic crisis.

There are five APAV offices in the Algarve that provide assistance to victims of domestic violence:

Portimão	282 484 407
Albufeira	289 585 770
Loulé	289 422 832
Faro	289 820 788
Tavira	281 320 592

**GOUVEIA****Workshop de violência doméstica**

■ A Câmara Municipal de Gouveia em parceria com a APAV - Associação Portuguesa de Apoio à Vítima vai organizar, no dia 5 de Dezembro, pelas 14h00, no auditório da Biblioteca Municipal Vergílio Ferreira, um workshop sobre violência doméstica.

A acção tem por objectivo "proceder a uma análise participada e integrada do fenómeno" da violência doméstica, "quer ao nível da caracterização, quer ao

nível da intervenção".

Durante a sessão serão abordados diversos conteúdos com destaque para os processos de permitem compreender o fenómeno da violência doméstica e os procedimentos a desenvolver quando na presença de casos, refere a organização.

A participação no workshop é gratuita, devendo as inscrições ser efectuadas junto da Câmara Municipal de Gouveia, até ao dia 26 deste mês. |

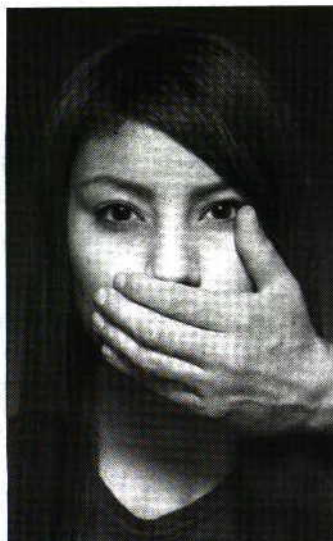




## Workshop a 5 de Dezembro

# Violência Doméstica debatida em Gouveia

Promovido pelo Município de Gouveia, em parceria com a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), vai ter lugar nestacidade, no próximo dia 5 de Dezembro, um workshop sobre 'Violência Doméstica'. O evento, que irá decorrer a partir das 14.00 horas, no auditório da Biblioteca Municipal Vergílio Ferreira, propõe-se **"proceder a uma análise participada e integrada do fenómeno quer ao nível da caracterização, quer ao nível da intervenção"**.



Esta acção de formação é destinada ao público em geral com particular relevância para professores, educadores, técnicos das áreas da saúde e da acção social. Durante a sessão serão abordados diversos conteúdos com destaque para os processos que permitem compreender o fenómeno da violência doméstica e os procedimentos a desenvolver quando na presença de casos.

A participação no workshop é gratuita, devendo as inscrições ser efectuadas através do preenchimento da ficha de inscrição disponível em [www.cm-gouveia.pt](http://www.cm-gouveia.pt) e envio para o email [educacao@cm-gouveia.pt](mailto:educacao@cm-gouveia.pt), até ao dia 26 de Novembro.



### CRIME

## Tráfico humano aumenta na Europa

O fenômeno do tráfico de seres humanos está a crescer no espaço da União Europeia, sendo que as vítimas mais vulneráveis provêm de países como a Bulgária e a Roménia. “Fora do espaço da UE, as vítimas provêm, sobretudo, da Nigéria e a da China.” As afirmações são da comissária Europeia do Interior, Cecilia Malmstrom, durante a conferência que assinalou o sexto dia europeu contra o tráfico de seres humanos, a dia 18 de outubro, em Bruxelas.

Dados recentes do Eurostat revelam que 80% das vítimas de tráfico são mulheres e raparigas, sendo que 75% das vítimas são traficadas para exploração sexual.

“Por trás das histórias estão pessoas. Nunca me esquecerei das jovens que conheci no centro de Pristina, no Kosovo”, relata a comissária. As jovens, que se encontravam num abrigo cofinanciado pela UE, tinham ido atrás de uma falsa promessa de trabalho, e, ao invés de irem trabalhar como modelos ou empregadas, tiveram de se prostituir sob ameaças e espancamentos. “Algumas tinham sido ‘vendidas’ pela própria família”, conta Cecilia Malmstrom.

Com a Estratégia da UE contra o Tráfico de Seres Humanos (2012-2016), a Comissão pretende privilegiar ações que apoiem e complementem a aplicação da legislação da UE relativa à prevenção e luta contra o tráfico de seres humanos e à proteção das vítimas (Diretiva n.º 2011/36/UE), cujo prazo de transposição termina em 6 de abril de 2013.

A estratégia da UE identifica cinco prioridades: reforço da identificação, da proteção e da assistência às vítimas, prestando especial atenção às crianças; intensificação da prevenção do tráfico de seres humanos e redução da pro-



cura; reforço da ação penal contra os traficantes; reforço da coordenação, da cooperação e da coerência na UE com as organizações internacionais e com os países terceiros, incluindo a sociedade civil e o setor privado; desenvolvimento dos conhecimentos e da eficácia da resposta às novas tendências em matéria de tráfico de seres humanos.

Em Portugal, a Procuradoria-Geral da República e o Observatório do Tráfico de Seres Humanos assinaram um protocolo que possibilitará que os magistrados do Ministério Público ajudem a traçar o perfil dos traficantes de seres humanos através da criação de uma base de dados com informação que auxiliará na compreensão da complexidade deste crime. ■

### UE

## Legislação reforça direitos das vítimas

Foi adotada uma nova diretiva da UE sobre os direitos das vítimas que estabelece um nível mínimo de direitos para as vítimas, independentemente do local onde se encontrem na UE.

“Esta iniciativa protegerá os cidadãos tanto nos seus países como no estrangeiro, pois serão aplicados os mesmos direitos em toda a Europa”, declarou a vice-presidente da Comissão Europeia e comissária da UE Viviane Reding. “Calcula-se que todos os anos 15% dos europeus, cerca de 75 milhões de pessoas, sejam vítimas de um crime na União Europeia. Se tivermos em conta que 12 milhões de europeus vivem noutro país da UE e que os cidadãos europeus efetuam anualmente mil milhões de viagens no território da UE, esta nova legislação contribuirá para atenuar o sofrimento de um grande número de pessoas”, comentou Reding.

A diretiva da UE sobre normas mínimas aplicáveis às



vítimas foi apresentada pela Comissão em maio de 2011 (IP/11/585 e MEMO/11/310) e adotada pelo Conselho da UE a 4 de outubro. Os Estados membros terão três anos para incorporar as disposições nas suas legislações nacionais.

A nova diretiva da UE tem como objetivo assegurar nos 27 países da UE que: as vítimas são tratadas com respeito e a polícia, os procuradores e os juizes recebem uma formação destinada a permitir-lhes lidar adequadamente com

elas; são informadas dos seus direitos e do seu processo de forma clara e inteligível; todos os Estados membros dispõem de mecanismos de apoio às vítimas; as vítimas podem participar no processo, sempre que o desejarem, e beneficiar de assistência judiciária; as mais vulneráveis (crianças, vítimas de violação ou pessoas com deficiência) são identificadas e devidamente protegidas; são protegidas durante a investigação policial e o processo judicial. ■

# MULHERES EM DESTAQUE JOANA MARQUES VIDAL



Joana Marques Vidal tem 56 anos, licenciou-se em 1978 em Direito, na Faculdade de Direito de Lisboa, tirando posteriormente duas pós-graduações em Protecção de Menores e Jornalismo Judiciário.

Após conclusão dos seus estudos, teve uma carreira bastante preenchida, executando cargos como de Magistrada do Ministério Público e Delegada do Procurador da República nas Comarcas de Vila Viçosa, Seixal e Cascais.

Foi ainda vogal do Conselho Superior do Ministério Público, procuradora da República dos Magistrados do Ministério Público do Tribunal de Família e Menores de Lisboa, de 1994 a 2002. Até 2004 desempenhou o papel de directora-adjunta do Centro de Estudos Judiciários.

Desde então participou em diversas comissões legislativas, tornou-se oradora de vários cursos superiores de Direito em locais como a Faculdade de Direito da Universidade Católica, a Escola de Direito da Universidade do Minho e a Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra.

Também exerceu um papel fundamental na nova Lei de Adopção quando pertencia à comissão legislativa para a redacção da Lei Tutelar Educativa.

Todo o seu caminho profissional visou a defesa das pessoas mais desfavorecidas e carenciadas, tendo-se tornado também presidente da direcção da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima e vice-presidente da direcção da Associação Portuguesa para o Direito dos Menores e da Família – Crescer Ser.





## Palco

palco@timeout.pt



A exploração sexual com a Companhia das Marias



Violência doméstica numa peça com apoio da APAV

A violência é muitas vezes estrela de cinema, ajuda a vender jornais e até está na ordem do dia, seja para quem acusa atiradores de pedras ou para quem recusa uma carga policial. Mas com a aproximação do Dia Internacional da Violência Contra a Mulher, que se assinala este domingo, o holofote vira-se para o universo feminino e dá origem a duas estreias em torno deste tema: *Amor?!*, uma encenação de Ana Padrão e Lara Beirão da Veiga feita a partir de uma colaboração com a APAV (Associação de Apoio à Vitima) e que vai estar em cena no Casino Estoril a partir de quinta; e *Malena, Llena Eres de Gracia*, um espectáculo da Companhia das Marias na Escola de Mulheres apenas este sábado.

"Estas datas ajudam a abrir uma brecha nos muros de desconhecimento que o conjunto dos cidadãos tem em relação a certas problemáticas", afirma Noemi Rodríguez, a encenadora de *Malena, Llena Eres de Gracia*. Nesta peça, duas mulheres dão corpo ao tipo de violência gerada pelo universo da exploração sexual, onde se vêem perdas depois de caírem em vários enganos. "É uma obra inquietante onde seguimos um

# Histórias de violência

Na semana em que se assinala o Dia Internacional da Violência Contra a Mulher, **Catarina Homem Marques** foi conhecer duas peças que dão voz a quem normalmente sofre em silêncio.

caminho de dor e abandono, também de nostalgia e luta, através das protagonistas que são o espelho de milhares de mulheres em todo o mundo que estão a viver um drama semelhante."

O drama é inspirado em histórias reais, "infelizmente", como diz Noemi. E ainda assim, apesar de estas personagens representarem várias mulheres, muitas histórias de sofrimento permanecem ocultas. "Acredito profundamente que a cultura é uma arma muito valiosa para denunciar injustiças." É um ideal de teatro comprometido que rege esta criação da

Companhia das Marias. "Propomo-nos a denunciar o último capítulo da história universal da escravidão: a exploração sexual de mulheres."

Foi também por via da cultura que Ana Padrão, Lara Beirão da Veiga e Bárbara Menezes Ferreira, da associação Um Só Tecto, chegaram às casas-abrigo da APAV e começaram a trabalhar com mulheres vítimas de violência doméstica. "Fomos até lá para fazer workshops, conversas, improvisações e construir uma peça realista, com quatro mulheres que partilham as suas histórias de vida, aquilo que nos pareceu

suficiente para transmitir o sentimento de ter sido vítima", explica Bárbara Menezes Ferreira, a autora do texto. As mulheres que conheceram estão na fase de começar a reconstruir a sua vida. "E foram muito generosas, mas também nos passaram uma grande responsabilidade." Uma responsabilidade de porta-voz partilhada com os actores Nuno Homem de Sá, Helena Laureano, Amélia Videira, Lavinia Moreira e Cátia Ribeiro.

"Nós entrámos na APAV como mulheres e para ouvir mulheres, com o coração e não como psicólogas", completa Lara Beirão da Veiga, uma das encenadoras. E, apesar da dureza do processo, trazem o conforto de saber que as mulheres se divertiram. "E estamos aqui para dizer que há uma saída."

### Malena, Llena Eres de Gracia

Encenação de Noemi Rodríguez na Escola de Mulheres, Sáb 21.30. Bilhetes a 10€.

### Amor?!

Encenação de Ana Padrão e Lara Beirão da Veiga no Casino Estoril, Qui-Sáb 21.30, Dom 17.30. Bilhetes a 10€.



## Escola da Ribeira Grande debate violência doméstica

Nos próximos dias 27, 28 e 29 de novembro, realizar-se-ão, na Escola Secundária da Ribeira Grande, várias sessões de esclarecimento sobre violência doméstica. Para abordar este assunto, a escritora Susana Teles Margarido foi convidada a deslocar-se à escola, a fim de contactar individualmente com algumas turmas, na sua maioria, do Programa Oportunidade. Durante as sessões serão oferecidos aos alunos destas turmas o livro "Diário do meu segredo", da mesma autora.

Refira-se que no dia 25 novembro celebra-se o Dia Internacional pela Eliminação da Violência Contra as Mulheres.

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) assinala esta efeméride lançando uma campanha de sensibilização sobre violência contra as mulheres em vários media. ♦ PNL

Unidade de Cuidados na Comunidade de Mateus  
Centro de Saúde de Vila Real N.º 2

## Violência doméstica

A violência doméstica (VD) diz respeito a um comportamento violento ou a um padrão de controlo coercivo exercido, direta ou indiretamente, sobre qualquer pessoa que habite no mesmo agregado familiar (e.g., cônjuge, companheiro/a, filho/a, pai, mãe, avô, avó), ou que, mesmo não coabitando, seja companheiro ou ex-companheiro.

A violência conjugal (VC) é entendida como aquela que ocorre, ou ocorreu, entre cônjuges ou pessoas envolvidas em relações similares de intimidade amorosa (por exemplo, uniões de facto implicando, ou não, coabitação), constituindo-se como uma das formas mais recorrentes da violência familiar. É uma problemática extensamente disseminada, afetando as sociedades de forma transversal. A noção de violência nas relações de intimidade (VRI) resulta da necessidade de alargar a noção de VD e, em particular, a de VC, de modo a abranger a violência exercida entre companheiros envolvidos em diferentes tipos de relacionamentos íntimos e não apenas na conjugalidade (violência entre casais homossexuais, violência entre namorados). Qualquer pessoa pode ser vítima de violência doméstica, independentemente do sexo, da idade, escolaridade, situação económica e profissional, condição social, orientação sexual, cultura ou religião, o que também é válido para os agressores. Do ponto de vista do género, as vítimas tendem a ser predominantemente do sexo feminino e os agressores, maioritariamente, do sexo masculino, ante-endo-se, assim, uma relação estreita entre VD e violência de género. Esta última pode ser entendida como qualquer ação que faça uso da força ou coação tendo em vista promover ou perpetuar as relações desiguais de poder e subjugação de homens sobre mulheres.

No contexto da violência doméstica e violência de género é possível observar os vários tipos que a mesma toma, sendo que poderão surgir isolados ou em conjunto, de que são exemplos, Violência Física; Violência Psicológica; Perseguição / Stalking; Violência espiritual/religiosa; Privação de Recursos; Violência Vicariante; Violência Financeira; Violência Sexual; entre outras:

A violência doméstica tende a evoluir e a desenvolver-se seguindo dois grandes processos:

- › O “ciclo da violência” propriamente dito, que engloba três fases: fase do aumento da tensão; fase da explosão e fase de apaziguamento, reconciliação ou “lua-de-mel”;
- › Um processo segundo o qual os atos de violência tendem a aumentar de frequência, intensidade e perigosidade ao longo do tempo

A vítima pode apresentar queixa no Gabinete de Apoio à Vítima (APAV), junto da Guarda Nacional Republicana (GNR), da Polícia de Segurança Pública (PSP), da Polícia Judiciária (PJ) ou Instituto de Medicina Legal (IML), que a remetem ao Ministério Público (MP), podendo também apresentar a queixa-crime diretamente ao MP, junto do Tribunal da área onde ocorreram os factos.

Ao observarmos os dados constantes na Súmula Estatística da APAV de 2011 apercebemo-nos da brutalidade dos números. Dos 18.470 crimes acompanhados por aquela entidade, 15.724 referem-se a situações de violência doméstica, sendo que as vítimas são 80% mulheres. No que se refere às situações acompanhadas, recorreram àquela entidade, em 2011, por dia, cerca de 19 mulheres, 2 crianças e 2 idosos. No que diz respeito ao crime de maus-tratos, verificou-se em 2011 um aumento de 505 casos, comparativamente com 2010.

Não obstante a evolução legislativa a que se tem assistido nos últimos anos, os casos de violência doméstica permaneceram. A lei evolui, mas os grupos mais vulneráveis, mulheres e idosos, continuam a ser duplamente penalizados, para além de serem sujeitos às situações de violência continuam, no caso das mulheres, a serem estas a afastarem-se de casa deixando os seus bens, os seus familiares e tudo que é seu, assim como acontece com os idosos em que, não raras vezes, a resolução do problema passa pela sua institucionalização.



**ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE APOIO À VÍTIMA (APAV) RECORRE A MODELOS VESTIDAS DE NOIVAS**

## Campanha denuncia agressões a mulheres

■ A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) assinala no domingo o Dia Internacional pela Eliminação da Violência contra as Mulheres, com o lançamento de uma campanha de sensibilização sobre as agressões contra vítimas do sexo feminino.

A campanha foi considerada pelas Nações Unidas como uma das 15 melhores do Mundo na denúncia da violência contra mulheres.



DIREITOS RESERVADOS

**Associação contra violência**

Em comunicado ontem divulgado, a APAV referiu que a campanha inclui dois retratos de mulheres alvo de agressões, apresentando marcas de violência na cara e pescoço. As modelos usadas aparecem vestidas de noiva, segurando ramos de flores, com anéis de casamento, e com a frase "Até que a morte nos separe". Segundo a APAV, esta frase remete para o crescente número de mulheres assassina-das pelos maridos. ■



# “Regra ainda é: como vamos fazer para agressor não ir para a cadeia”

**Violência doméstica.** Primeira juíza a prender por agressões em casa critica sistema. Este ano já houve 33 mortes

PEDRO SOUSA TAVARES

No dia em que se soube que já morreram, este ano, 33 mulheres vítimas de violência doméstica, Joana Salinas, a primeira juíza em Portugal a condenar um homem a pena de prisão por maus tratos à mulher e filhos, não hesita em criticar os magistrados que evitam prender os agressores.

Uma ideia também defendida, ontem, pela secretária de Estado da Igualdade, Teresa Morais, que considerou “pouco” o número de processos por violência doméstica que culminam em penas de prisão efetiva, sugerindo “uma maior sensibilização dos magistrados” para a gravidade do crime.

Em declarações ao DN, Joana Salinas, atualmente desembargadora na área dos processos cíveis da Relação do Porto, lembra o “grande passo” dado em 2001, quando a violência doméstica passou a ser considerada um crime público, de investigação obrigatória. Logo nesse ano, num julgamento de primeira instância no Tribunal de Matosinhos, a juíza condenou um homem a quatro anos de prisão efetiva por maus tratos à mulher e aos filhos, escrevendo uma nova página na justiça em Portugal.

Desde então, mesmo tendo deixado de julgar estes casos, manteve-se muito próxima do fenómeno. Até porque é também a presidente das delegações de Matosinhos e do Porto da Cruz Vermelha Portuguesa onde funciona uma casa-abrigo e um centro de atendimento a vítimas de violência doméstica. E é nessa qualidade que considera que “a leveza com que se continua a olhar” para este fenómeno, nomeadamente nos tribunais, em nada facilita a defesa da integridade das vítimas.

Segundo Joana Salinas, entre 2001 e 2007 houve uma evolução positiva. “Havia muita gente a cumprir penas de prisão efetiva, penas fortes que obrigavam ao afastamento da vítima”, recorda. Entretanto, a moldura penal dos crimes foi reduzida de sete para cinco anos de prisão o que implicou, entre outras coisas, que os julgamentos deixassem de ser feitos por um coletivo de três juízes passando a ter apenas um.

“Além do sinal de relativização dado pelo legislador”, defende, os restantes ‘atores’ da justiça também não têm estado à altura das exigências: “O Ministério Público não tem uma atuação coerente e arquiva [as denúncias] com muita facilidade e no julgamento as penas são muito leves”, considera.

De resto, diz, apesar de os indicadores sugerirem que “não se devia evitar a prisão”, sob pena de a agressão evoluir para crimes mais graves, “hoje em dia, a regra é: como vamos fazer para [o agressor] não ir para a cadeia”. “Não digo que [os agentes da Justiça] não tenham a noção do problema”, ressalva, admitindo que este é um problema que nasce “na legislação” e não é “de forma alguma” um exclusivo português. “Na Euro-



APAV tem em curso nova campanha para incentivar vítimas a pedirem ajuda

pa, só os países nórdicos estão claramente mais evoluídos”, frisa.

## Sindicato quer mais formação

Para José Mouraz Lopes, presidente da Associação Sindical de Juízes (ASJ), é importante sublinhar a “evolução da perceção da importância da violência doméstica”, sobretudo desde que esta passou a ser crime público: “Esta realidade era escondida e foi descoberta e isso teve muita importância.”

No entanto, admite também, “o caminho tem de ser acelerado. É importante continuarmos a apostar na formação dos juízes e dos procuradores e também a adaptar as soluções legais que possam contribuir para que se erradique esse problema”, considera, apesar de defender que, “antes da repressão penal, deve funcionar a repressão social” deste crime.

“  
Ministério Público  
não tem atuação  
coerente e  
arquiva  
[denúncias] com  
muita facilidade”

JOANA SALINAS  
JUÍZA E RESP. DA CVP

## De 389 casos em Lisboa desde março, 8 deram prisão

**DISCREPÂNCIAS** Dos quase 390 casos de violência doméstica comunicados pelo Ministério Público (MP) aos tribunais de Lisboa entre 1 de março e 31 de outubro últimos, só oito resultaram até ao momento em condenações a penas de prisão efetiva, revelam os dados publicados no sítio da Internet da Procuradoria-Geral Distrital de Lisboa (PGDL).

Segundo a mesma página, foram comunicados ao MP 343 casos aos quais acrescem 46 remetidos para instrução, perfazendo um total de 389 casos. Das situações comunicadas, e de acordo com a página da PGDL na Internet, até 21 de novembro foram decididos 90 casos em primeira instância nos juízos e varas criminais de Lisboa.

Destes 90, 65 casos foram condenados, 18 absolvidos, num caso o Tribunal da Re-

lação ordenou a repetição do julgamento cuja sentença tinha sido de absolvição e seis casos foram decididos noutras circunstâncias.

Das condenações, oito tiveram penas de prisão efetiva, a mais elevada das quais de 16 anos e a mais baixa de dois anos e oito meses. De referir que a primeira condenação terá incluído outros crimes graves, visto a moldura penal para a violência doméstica não exceder os cinco anos.

Em dois casos foram ainda aplicadas medidas de segurança de internamento em estabelecimento apropriado face à inimputabilidade penal do arguido. Dezoito penas de prisão foram suspensas, acompanhadas de pena acessória. Os restantes casos ainda não foram concluídos, estando em curso ou a aguardar audiência. **PS.T.com LUSA**

## NÚMEROS

### 33 VÍTIMAS ESTE ANO

► Em 2012, até setembro, morreram em Portugal 33 mulheres vítimas de violência doméstica, revela uma contabilidade da União de Mulheres Alternativa e Resposta (UMAR). O número de vítimas já ultrapassou os totais de 2011. Esta associação assinalou ainda mais 31 casos de tentativa de homicídio relacionados com a violência doméstica.

### MENOS DENÚNCIAS

► O número de casos denunciados às autoridades desceu 10,9%, mas esse dado está longe de ser considerado positivo pelas organizações que apoiam vítimas de violência doméstica, segundo as quais o indicador pode até representar que “há mais” violência e também mais vítimas com medo de pedir ajuda.

### PRISÃO AINDA É UMA RARIDADE

► Atualmente estão presas por crimes de violência doméstica 320 pessoas (entre elas uma mulher), uma ínfima parcela das dezenas de milhares de denúncias feitas anualmente. Ainda assim, há uma evolução. Em 2010, uma reportagem do jornal Público revelou que nesse ano havia 59 pessoas a cumprir penas de prisão por violência doméstica. Os casos denunciados no mesmo ano superavam os 30 mil.

### IMAGEM DO PAÍS AFETADA

► A violência doméstica, a par da discriminação dos ciganos no acesso à habitação e dos maus tratos praticados por agentes da autoridade eram, os três principais aspetos negativos apontados a Portugal no relatório que a Amnistia Internacional divulgou em março último. Desde então, a primeira situação piorou, com um aumento das mortes.





# Violência começa “inocentemente” no namoro

Futura violência física poderá ser previsível quando existem ciúmes excessivos durante o namoro, considera a APAV

CARLA ORMONDE  
acorianooriental@acorianooriental.pt

Os indícios de violência doméstica podem ser notados desde o namoro principalmente através de violência psicológica contra a vítima.

“Nos casos de violência doméstica em pessoas mais maduras, quando nós perguntamos como era o namoro, notamos que já haviam indícios de violência”, explica Helena Costa, responsável pela APAV/Açores.

De acordo com a mesma, quando a associação é procurada por jovens adolescentes, nota-se que elas “vêm assustadas” por estarem a ser vítimas de violência psicológica, principalmente ligada ao exercício do poder por parte do homem.

## Violência doméstica domina queixas

As pessoas que contactam a APAV encontram-se, frequentemente, em situação de crise, derivada das diversas problemáticas e factos criminosos de que são vítimas. É fácil perceber que a maioria das denúncias (90%) relaciona-se com casos de violência doméstica, onde predominam os maus tratos psicológicos. A maioria das queixas tem origem em Ponta Delgada.

“As queixas mais frequentes são de ciúmes, o sentimento de posse: o namorado não a deixa sair com certos amigos, não a deixa usar determinadas roupas, confisca-lhe o telemóvel e verifica-lhe as mensagens de texto, obriga-a a entregar a password da rede social onde ela tem o seu perfil para saber quem são os seus amigos e com quem é que ela anda a falar”, exemplifica Helena Costa.

Devido ao facto de não haver violência física, estas jovens não consideram as situações que estão a viver como demasiado graves, “no entanto nós alertamos que se a violência física não existe, pode vir a existir” porque “já existe aqui um controle grande, uma negação, a esta vítima, do direito à sua privacidade, portanto é preciso elas estarem alerta para estes sinais, perceberem que estas situações não fazem parte de

uma relação amorosa saudável”.

Helena Costa acrescenta que o casamento intensifica o sentimento de posse por parte do agressor, levando a casos de violência doméstica física. A responsável pela APAV/Açores conta ainda que a associação é procurada essencialmente por mulheres casadas, com vida estável e com um agregado familiar, mas que também “temos pessoas muito idosas que ao fim de 30 e 40 anos de casamento continuam a ser vítimas de violência doméstica”.

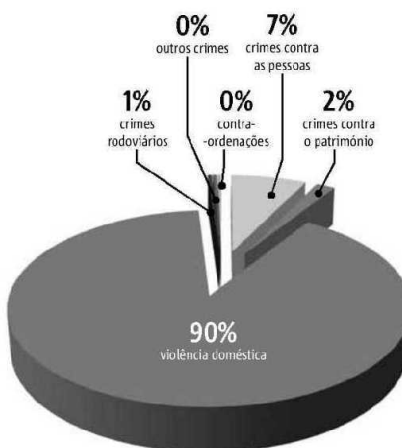
Por sua vez a Associação Para Igualdade e Direitos das Mulheres (UMAR), através da sua linha SOS Mulher, recebe pedidos de ajuda de casos semelhantes, acrescido de casos em que mulheres pedem orientação por serem vítimas de ex-namorado, de acordo com a informação avançada por Maria José Raposo. ♦



Portas da Cidade de Ponta Delgada foram o palco escolhido para mais um alerta sobre a violência exercida contra as mulheres

CONCELHO DE RESIDÊNCIA DA VÍTIMA	N	%
Angra do Heroísmo	4	2,9
Calheta	1	0,7
Horta	1	0,7
Lages das Flores	1	0,7
Lages do Pico	3	2,1
Lagoa	3	2,1
Ponta Delgada	99	70,7
Povoação	2	1,4
Praia da Vitória	1	0,7
Ribeira Grande	21	15
São Roque do Pico	3	2,1
Velas	1	0,7
<b>Total</b>	<b>140</b>	<b>100</b>

### CATEGORIAS DE CRIMES



VIOLÊNCIA DOMÉSTICA	N	%
<b>SENTIDO ESTRITO</b>		
maus tratos físicos	63	28,8
maus tratos psicológicos	90	41,1
ameaças	61	27,9
ofensas sexuais	5	2,3
<b>Total parcial</b>	<b>219</b>	<b>100,0</b>
<b>SENTIDO LATO</b>		
devassa vida privada	1	3,2
violação domicílio	9	29,0
violação correspondência	2	6,5
violência sexual	4	12,9
subtração menor	1	3,2
violação obrigação alimentos	2	6,5
homicídio tentado	3	9,7
dano	1	3,2
outros	8	25,8
<b>Total parcial</b>	<b>31</b>	<b>100,0</b>
<b>Total</b>	<b>250</b>	<b>100,0</b>

FONTE: APAV/2010/AÇORES



PEDRO SILVA



## Legislação Nacional

### Maus tratos entre cônjuges

Código Penal de 1982.

Artigo n.º 152.º.

### Proteção às mulheres vítimas de violência

Lei n.º 61/91, de 13 de Agosto.

Garante proteção adequada às vítimas de violência doméstica.

Resolução da Assembleia da República n.º 31/99, de 14 de Abril.

Regulamentação da legislação que garante a proteção às mulheres vítimas de violência.

Resolução do Conselho de Ministros n.º 55/99, de 15 de Junho.

Aprova o Plano Nacional contra a violência doméstica. Lei n.º 107/99, de 3 de Agosto.

Criação da rede pública de casas de apoio a mulheres vítimas de violência.

Lei n.º 129/99, de 20 de Agosto.

Regime de adiantamento, pelo Estado, da indemnização às vítimas de violência conjugal.

### Indemnização às vítimas de crimes violentos

Decreto-Lei n.º 423/91, de 30 Outubro.

Indemnização, por parte do Estado, às vítimas de crimes violentos.

Decreto Regulamentar n.º 4/93, de 22 de Janeiro.

Regulamenta o Decreto-Lei n.º 423/91, de 30 de Outubro. Lei n.º 10/96, de 23 de Março.

### Proteção às vítimas de crimes violentos

Decreto Regulamentar n.º 1/99, de 15 de Fevereiro.

Altera o Decreto Regulamentar n.º 4/93, de 22 de Fevereiro.

Lei n.º 136/99, de 28 de Agosto.

Alteração ao Decreto-Lei n.º 423/91, de 30 de Outubro.

FONTE:UMAR-AÇORES



Protesto recordou, de forma simbólica, mulheres mortas pelos parceiros

## Duas dezenas contestam violência sobre as mulheres

Mais de duas dezenas de pessoas juntaram-se no início da tarde de ontem nas Portas da Cidade, em Ponta Delgada, para se manifestarem contra a violência sobre as mulheres.

“Sou contra a violência, é uma injustiça e já é altura de acabar, basta”, dizia Lurdes Batista, uma das manifestantes.

Já Carina Branquinho, ex-vítima de violência doméstica, decidiu marcar presença no protesto, para “representar muitas das jovens que são alvo de violência doméstica e que têm cada uma a sua história”.

Enquanto isso, Raquel Teixeira quis participar “neste luto que é a violência contra as mulheres e a violência doméstica”.

Judite Fernandes, membro da Marcha Mundial das Mulheres (MMM), explicou que a manifestação foi partes da campanha europeia da MMM sobre o impacto da crise na vida das mulheres.

“Quisemos assinalar o Dia in-

ternacional pela erradicação da violência contra as mulheres, cuja data é 25 de novembro (amanhã), ou seja é o dia internacional de luta contra a segunda maior causa de morte de metade da humanidade”, frisou Judite Fernandes.

“Isso não pode ser esquecido e aproveitamos para homenagear as mulheres que têm sido mortas nos Açores”, completou.

Entretanto, a presidente da UMAR Açores, Maria José Raposo, disse que “importa lembrar à população que a violência doméstica é um crime público que deve ser denunciado. O silêncio em relação a atos de violência doméstica fortalece o agressor”.

Segundo a presidente da UMAR Açores, em 2008 morreram 6 mulheres na Região vítimas de violência doméstica, em 2009 morreu uma e no ano seguinte outra, sendo que em Portugal, desde 2008, faleceram cerca de 200 mulheres alvo de violência doméstica. ♦ NFS

## Prática generalizada na União

A violência doméstica contra mulheres continua a ser uma prática “generalizada, escondida e pouco comunicada” na União Europeia, constata a agência para a igualdade de género, realçando que “as vítimas não recebem apoio suficiente”.

A agência europeia aponta duas razões principais para este cenário: insuficiente número de serviços especializados para mulheres violentadas e falta de

formação específica para profissionais que lidam com vítimas e perpetradores.

Segundo dados da agência para a União Europeia, “nove em cada dez vítimas” de violência entre parceiros íntimos (independentemente do vínculo legal e da coabitação) são mulheres e pelo menos uma em cada cinco delas será violentada durante a sua vida adulta.

Apesar dos “progressos signifi-

ficativos” na criminalização da violência doméstica, a prática é “pouco comunicada” e a taxa de condenações “é baixa”, quando comparada com o número de casos registados.

Entre os 27 estados-membros, 17 disponibilizam linhas de apoio para as vítimas de violência, mas em apenas seis estas são gratuitas e funcionam 24 horas por dia. ♦

PNL/LUSA

ID: 44937137

24-11-2012

PEDRO SILVA



**Adolescentes já se queixam de violência no namoro** Mais de vinte pessoas manifestaram-se nas Portas da Cidade contra a violência sobre as mulheres **PÁGINAS 6 E 7**





## DISCURSO DIRECTO



**JOÃO LÁZARO** da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), sobre a violência doméstica em Portugal

## “Filhos podem tornar-se agressores em adultos”

● DÉBORA CARVALHO

**Correio da Manhã – Verificou-se um decréscimo do número de participações de vítimas de violência doméstica às autoridades. A crise está a levar as vítimas a temerem ainda mais a ruptura com os maus-tratos?**

**João Lázaro** – A crise pode ser um dos factores de diminuição do número de casos denunciados à polícia. As mulheres continuam a permanecer no ambiente violento, devido à falta de autonomia financeira. O caminho a seguir à saída das casas-abrigo é sempre difícil.

**– Têm chegado mais pedidos de ajuda à Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV)?**

– Ainda não temos as estatísticas deste ano, mas tudo leva a crer que o número de pedidos se mantenha. Entre 2000 e 2011, recorreram à APAV mais de 76 mil vítimas de violência, tendo sido registados 6737 casos em 2011. O ano de 2002 foi o que registou o maior número de casos, 6958. Até Setembro deste ano, foram feitas 20 125 denúncias às autoridades. Além disso, entre vítima e agressor, a



maioria [39 358 casos] tem uma relação conjugal.

**– As mulheres continuam a ser as que mais sofrem de violência?**

– Sim. No total das 76 582 vítimas [entre 2000 e 2011], 68 751 eram mulheres, ou seja, 89,7 por cento. Os homens são os que mais agredem em todos os anos de análise.

**– Quais são as consequências para as crianças que assistem a violência contra as mães?**

– As crianças sofrem de forma directa e indirecta. Crescer num ambiente de violência não é nada saudável para o desenvolvimento de uma criança. A criança pode ter um fraco rendimento escolar, ficar deprimida ou triste e ter dificuldade em relacionar-se. Em alguns casos, os filhos podem tornar-se agressores em adultos (mais pág. 19). ■

## CAMPANHAS CONTRA A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

# ‘Até que a morte nos separe’

■ “Em vossa defesa, dê um muro na mesa” e “Até que a morte nos separe” são os motes de duas campanhas contra a violência doméstica, do Governo e da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, respectivamente.

A primeira alerta para os efeitos negativos nas crianças que assistem à violência contra as

mães, enquanto os retratos de noivas apelam para que o ciclo de violência seja quebrado. O Dia Internacional pela Eliminação da Violência contra as Mulheres celebra-se amanhã. Este ano, já foram mortas 33 mulheres, vítimas de violência doméstica, mais seis do que em 2011 (mais na pág. 47). ■ D.C.



A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima usa noivas para alertar contra a violência doméstica





ID: 44901817

24-11-2012

Dia Internacional pela Eliminação da Violência contra as Mulheres

# Mais de 76 mil vítimas de violência doméstica recorreram à APAV em dez anos

Mais de 76 mil mulheres vítimas de violência recorreram à APAV entre 2000 e 2011 tendo sido feitas este ano, até Setembro, 20.125 denúncias às autoridades policiais. “Até que a morte nos separe” é o nome da nova campanha de sensibilização da APAV.

É com estas cifras negras como pano de fundo que o Dia Internacional pela Eliminação da Violência contra as Mulheres é assinalado com várias iniciativas.

Para assinalar a data, no dia 25, a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) vai lançar uma campanha de sensibilização sobre violência contra mulheres.

Segundo informação da APAV, a campanha inclui dois retratos de mulheres vítimas de violência doméstica, as quais apresentam marcas de vitimização.

“Estas mulheres estão vestidas de noiva, segurando ramos de flores e ostentam um anel de noivado e aliança de casamento. Acompanha-as a frase ‘Até que a morte nos separe’, a qual remete para a existência de um crescente número de mulheres vítimas de violência doméstica que são assassinadas pelos seus maridos ou companheiros conjugais”, explica a associação em comunicado.

Segundo as estatísticas da APAV, entre 2000 e 2011, 76.582 vítimas recorreram à associação, tendo-se registado o maior número de vítimas em 2002, com 7.543 casos.

Ao longo destes onze anos, as mulheres têm vindo a representar a maior percentagem de vítimas, atingindo o valor máximo em 2002, com 6.958 casos. No total das 76.582 vítimas, 68.751 eram mulheres, ou seja, 89,7%.

Já em relação ao autor do crime, maioritariamente são homens em todos

os anos em análise, contabilizando-se um total de 68.770 homens como autores do crime para os 76.582 casos reportados de violência doméstica, o que corresponde a 89,8% dos casos. Entre vítima e agressor, a maioria (39.352 casos) tem uma relação conjugal.

## Outras iniciativas

Para além da campanha da APAV, a Comissão para a Igualdade de Género (CIG) apresentou ontem a campanha nacional de sensibilização contra a violência doméstica, com a presença do ministro-Adjunto e dos Assuntos Parlamentares, Miguel Relvas.

A “Rede 8 de Março” promove, por seu lado, o fim-de-semana pelo fim da violência doméstica contra as mulheres, que termina com a realização da II Marcha no dia 25, com ponto de encontro no Largo Camões, em Lisboa, às 15:00, seguindo depois para o Largo do Martim Moniz.

No final da marcha será lido um manifesto e depois terá lugar um espectáculo com Orchidaceae, a companhia de teatro O Bando e a ‘dj’ Souflow.

Este sábado, serão apresentados os mais recentes dados estatísticos do Observatório das Mulheres Assassinadas, às 11:00, no jardim frente à Maternidade Alfredo da Costa, em Lisboa.

Neste dia haverá também teatro de rua e um workshop de defesa pes-



Uma das imagens da nova campanha da APAV

soal, às 18:00, no espaço cultural da Associação MOB, no Bairro Alto, para além de um espectáculo contra a violência, no qual participa a cantora Rita Redshoes.

## Número de denúncias desce

Os dados mais recentes da Direcção-Geral da Administração Interna mostram um decréscimo de 7,2% no número de denúncias feitas às autoridades policiais entre 2010 e 2011, registando-se o ano passado um total de 28.980 participações divididas en-

tre 11.485 denúncias feitas à GNR e 17.495 feitas à PSP.

A tendência de decréscimo mantém-se nos primeiros nove meses de 2012, havendo uma quebra no número de ocorrências de 10,9% relativamente ao mesmo período do ano passado, registando-se até final de setembro 20.125 denúncias.

Tendência verificada igualmente junto da APAV que registou entre 2010 e 2011 um decréscimo no número de pedidos de ajuda feitos à associação, passando de 6.920 casos em 2010 para 6.737 em 2011.

## ATUAL

**M**AIS um ano, mais um número exorbitante de vítimas, a maior parte mulheres. Portugal continua a registar um grande número de mortes por violência doméstica e de violência contra o sexo feminino em particular. No entanto, sabe-se agora que mais de 80 por cento das queixas de violência doméstica acaba arquivada na Justiça. O último relatório divulgado pela Direção-Geral da Administração Interna (DGAI) aponta para uma redução de 7,2 por cento no número de ocorrências de violência doméstica em todo o País, mas os números nunca refletem a dor das vítimas. Só em 2011, 281 980 pessoas sofreram com este crime: “A violência física esteve presente em 73 por cento das situações, a psicológica em 78 por cento, a sexual em dois por cento, a económica em sete por cento e a social em 8,5 por cento”, refere o documento. Os dados também confirmam o tradicional perfil da vítima: geralmente, do sexo feminino em 85 por cento dos casos, casadas ou em união de facto em 51 por cento, com idade média de 40 anos, que não dependem economicamente do denunciado em 78 por cento dos casos.

**Crise piora situação**

José Duque, responsável da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), revela que ainda não há dados sobre a influência da crise na

## VÍTIMAS DE violência doméstica

Gritos mudos  
no FEMININO

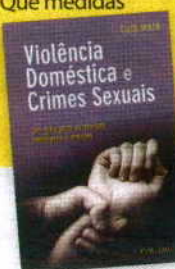
*Os tempos mudaram, mas a crise volta a criar condições de stress que, inevitavelmente, culminam em desentendimento e degeneram em violência. As mulheres são a grande maioria das vítimas.*

violência doméstica, sobretudo quando exercida sobre as mulheres, mas, “como é evidente, qualquer situação económica e social desfavorável à maioria das pessoas também é desfavorável a estas vítimas, no sentido em que é muito mais difícil tomar decisões e estruturar uma vida a partir do quase nada. É neste sentido que podemos falar na relação entre crise e violência doméstica”,

afirma. Contudo, há outro fator de relação entre os dois fenómenos: “Já diz o velho ditado, ‘em casa onde não há pão todos ralham e ninguém tem razão’”, e as situações de stress propiciam estes incidentes violentos, explica. “Os pedidos de ajuda à APAV têm vindo sempre a registar crescimento, portanto, é difícil relacionar estes dados com a crise. O que podemos verificar é que temos sempre mais

## Guia para ULTRAPASSAR o problema

Já foi lançado o livro **Violência Doméstica e Crimes Sexuais**, da autoria de Luís Maia, da editora Pactor. O que fazer? Que medidas legais tomar? Que canais de apoio, oficiais ou não, podem ser consultados? Como planear uma fuga em situação de risco limite? Como proceder às denúncias? Estas são algumas das questões que o Professor Luís Maia esclarece na obra.







**25 de novembro:**

- Dia Internacional da Eliminação da Violência Contra a Mulher
- Dia Mundial Contra a Violência Doméstica

**PEÇA AJUDA**

Se está a passar por esta situação, José Duque aconselha a entrar em contacto com a APAV. O número da associação é o 707 200 077, disponível entre as 10 e as 13 horas e as 14 e as 17 horas. Nesta linha pode encontrar "apoio jurídico, psicológico e social, pode esperar uma voz que ouça, compreenda e não julgue". Se não tiver acesso a APAV, José Duque considera que deve denunciar e pedir apoio a familiares e amigos.

## LAS MARIPOSAS

As Nações Unidas declararam que 25 de novembro é o Dia Internacional da Eliminação da Violência Contra a Mulher, em 1999. A data é uma homenagem às Mariposas, três irmãs da República Dominicana assassinadas pelo regime do ditador Rafael Leónidas Trujillo. Patria Mercedes Mirabal, Minerva Argentina Mirabal e Antonia María Teresa Mirabal formaram um grupo de oposição conhecido como Las Mariposas. Foram presas e torturadas várias vezes. No dia 25 de novembro de 1960, foram apunhaladas e estranguladas. O assassinato provocou uma enorme comoção no país, Trujillo foi assassinado um ano depois.

pedidos de apoio de um ano para outro", resume.

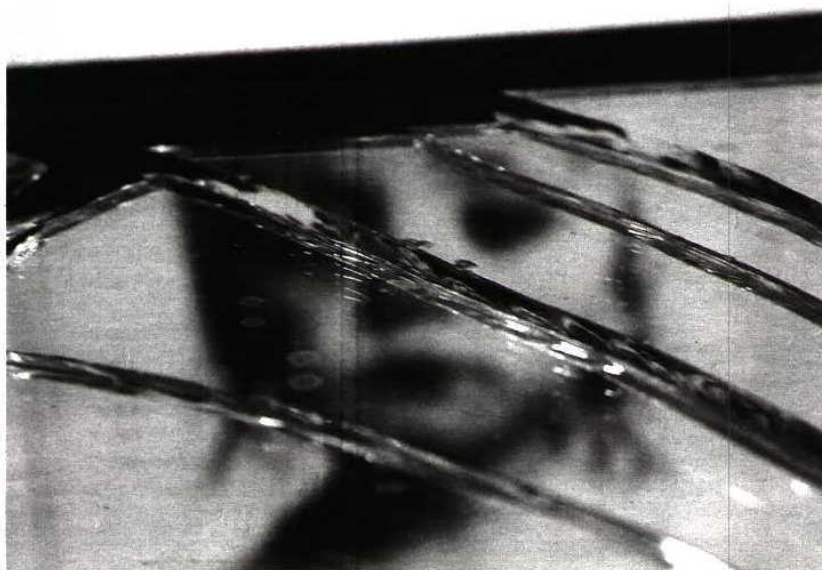
### Mentalidades estão a mudar

Embora longe da situação ideal, já há algumas alterações em Portugal. O Eurobarómetro da Comissão Europeia revela que o número de portugueses que consideram a violência doméstica inaceitável e um crime punível por lei ultrapassa a média da UE. Para além disso, os portugueses pensam que castigar os agressores é a medida mais eficaz para combater este crime. "A APAV, como outras instituições pioneiras, contribuíram para o estabelecimento da designação violência doméstica e da mudança de mentalidades", diz José Duque. Todavia, esta mudança é "um processo longo e hoje já

estamos numa fase diferente – o que não quer dizer que o problema tenha deixado de existir", salienta o responsável pela APAV.

Em relação à questão legal, José Duque tem outra opinião: "Uma legislação mais dura em relação a um crime acaba por dissolver a sua prática, mas o que eu considero imperativo é aplicar o enquadramento jurídico que temos", diz. Os dados da DGAI confirmam o que defende o especialista, já que o arquivamento foi o resultado de 83 por cento do total de 844 inquéritos de violência doméstica comunicados à autoridades. José Duque diz que há muito a fazer; as vítimas sofrem "incompreensão e mau atendimento nos vários serviços por onde vão passando, é chamada a vitimação secundária", conclui.





Socialistas querem regulação provisória do poder paternal em 10 dias

D. R.

## PS quer que sejam as vítimas de violência doméstica a ficar em casa

Proposta do grupo parlamentar também quer pensão de alimentos provisória em 10 dias após participação

**MARGARIDA BON DE SOUSA**  
*margarida.bondesousa@ionline.pt*

O grupo parlamentar do Partido Socialista tem uma proposta de alteração ao Código do Processo Penal para afastar os agressores da sua própria residência quando estiver em perigo a protecção da vítima. Apesar de a violência doméstica já ser um crime público em Portugal desde 2000, na esmagadora maioria dos casos, é a vítima que tem de se refugiar numa casa de abrigo para não morrer. Em 2012, e até agora, já foram vítimas mortais deste crime 36 mulheres, em média uma por semana, segundo o Observatório das Mulheres Assassinadas da UMAR. Segundo a proposta socialista, os tribunais poderão impor o afastamento dos arguidos das suas residências se tal se manifestar adequado à protecção da vítima, o que reforçará a protecção do agredido.

O grupo parlamentar do PS quer ainda que em caso de denúncia do crime de violência doméstica, o Ministério Público, no prazo de 10 dias, promova junto do tribunal competente a regulação provisória das responsabilidades parentais e a atribuição de uma pensão provisória de alimentos, o que contribuirá para que a vítima se autonomize com mais rapidez do processo de violência que está a viver, protegendo-se a si e aos seus filhos.

Ontem, o bastonário da Ordem dos Advogados, Marinho e Pinto, disse que a exclu-

são de herdeiros por indignidade é uma forma de impedir que um cônjuge que mate o outro venha a ser herdeiro da vítima.

No Dia Internacional da Eliminação da Violência contra Mulheres, as Mulheres Socialistas (MS) defenderam uma alteração legislativa "urgente" que impeça o homicida de ser herdeiro da vítima e ainda receber uma pensão de sobrevivência da Segurança Social.

Em declarações à Lusa, Marinho e Pinto explicou que a exclusão de herdeiros por indignidade não está expressamente prevista para os homicídios "mas é uma forma de impedir que certos herdeiros recebam a herança, por não serem dignos dela".

"Isso sucede frequentemente no caso de homicidas", afirmou igualmente Marinho e Pinto. Contudo, o bastonário adiantou que no caso de marido e mulher, muitas vezes o que o cônjuge sobrevivente recebe não é uma herança, mas sim uma parte dos bens próprios. "Aquilo que às vezes se julga que é herança é uma parte dos bens próprios do casal ou a meação [divisão em duas partes] dos bens comuns", justificou.

A exclusão por indignidade é uma pena civil aplicável ao sucessor legítimo ou legatário que tenha praticado actos de ingratiidão. Para a presidente das Mulheres Socialistas, Catarina Marcelino, o homicida receber a herança da vítima "é perverso, quase imoral".





# A violência contra as mulheres é um obstáculo à concretização da igualdade entre mulheres e homens

■ ANA DANIELA DIAS

■ Enfermeira da Unidade de Cuidados na Comunidade de Viseu do Agrupamento de Centro de Saúde Dão Lafões I



velhice.

Este tipo de violência ocorre em todas as partes do mundo, em todos os estratos sociais e em todos os grupos etários. Como tal diz respeito ao mundo.

A violência doméstica até aos anos 90 era considerado um assunto de cariz privado pela sociedade bem como governantes.

Em 1993, na Conferência Mundial sobre os Direitos Humanos, a comunidade internacional reconheceu que a violência contra as Mulheres é uma violação grave dos Direitos Humanos e uma forma de discriminação contra as Mulheres.

Tanto as Nações Unidas como o Conselho da Europa consideram que a violência contra as Mulheres é um obstáculo à concretização da igualdade entre mulheres e homens, porque decorre das relações de força desiguais entre mulheres e



homens e conduz a uma discriminação grave contra o sexo feminino, viola os direitos da pessoa humana e as suas liberdades fundamentais, de forma total ou parcial e atenta contra a integridade física,

psíquica e/ou sexual das Mulheres.

A violência contra as mulheres toma várias formas: física, psicológica, emocional, verbal, económica e/ou sexual. O objetivo do agressor é sempre o de

controlar a mulher, isolá-la, torná-la frágil e insegura.

Em 2011 registam-se 22 483 denúncias e das 8693 vítimas de crime que recorreram aos serviços da APAV (associação de apoio à vítima), 80% eram do sexo feminino.

Em média, acontece a cada duas semanas, o homicídio de uma mulher em Portugal, vítima de violência doméstica, segundo indicam as estatísticas relativas a 2011, que apontam 23 agressões fatais. São números elevados apesar de representarem uma descida significativa, relativamente às 43 mortes verificadas em 2009.

Grande parte das mortes são o culminar de agressões reiteradas fora das estatísticas ficam milhares de casos escondidos, por vergonha ou medo de represálias.

É urgente, não só aplicar as leis sobre esta matéria, vigentes

no País, bem como a formação dos profissionais que lidam diariamente com sobreviventes de violência doméstica (polícias, médicos, enfermeiros, advogados, juizes e outros profissionais) no sentido de criar uma Rede Comunitária Articulada e Especializada nas áreas da Violência contra as Mulheres e Crianças.

Existe em Portugal uma extensa rede de apoio, encaminhamento e protecção às vítimas de violência doméstica, sustentada por inúmeros organismos da administração central e local, por instituições privadas e também por organizações não governamentais como por exemplo o Núcleo de Apoio às Vítimas de Violência Doméstica, no Edifício do Centro Distrital da Segurança Social, na Avenida António José de Almeida, em Viseu. I



Ana Padrão

# ‘Ninguém se livra de cair numa relação violenta’

Ana Padrão e Lara Beirão levam ao palco do Casino Estoril, até domingo, **Amor!?** uma peça sobre violência doméstica, resultado do trabalho das encenadoras nas casas-abrigo da APAV. Ao mesmo tempo, a actriz chega ao grande ecrã como mulher do General Humberto Delgado, no filme **Operação Outono**

Texto de **Patrícia Cintra** Fotografia de **José Sérgio**

## Como surgiu a ideia de levarem a palco esta peça?

A ideia do teatro de acção social já vinha de há muito tempo. Depois de fundarmos a Associação Um Só Tecto, em 2006, começámos um projecto em três bairros muito problemáticos de Cascais – Adroana, Cruz Vermelha e o Bairro das Fisgas – para fazer teatro com os adolescentes que viviam praticamente abandonados – sendo que as miúdas desse grupo eram praticamente todas vítimas de violência doméstica. E descobrimos também que nestes bairros há ainda um grupo guineense que continua a fazer mutilação genital às meninas. Só que nessa altura o projecto acabou por não ir para a frente. Entretanto ficámos a saber que o Jeremy Weller já fazia há 20 anos aquilo que nós pretendíamos. Com o seu Grassmarket Project tem trabalhado com refugiados, gangues e prostitutas.

## E decidiram apostar na violência doméstica.

Quando o conhecemos, ele disse que estava muito interessado em vir a Portugal mas só para fazer um projecto sobre violência doméstica. Contactámo-lo, fomos a Londres e aí explicou-nos por que é que este projecto era tão importante para ele. Primeiro, achava que em Portugal havia

uma necessidade enorme de trabalharmos este tema. Segundo, ele teve uma irmã que morreu vítima deste tipo de violência...

«Todas as mulheres têm apenas o desejo de ser amadas»

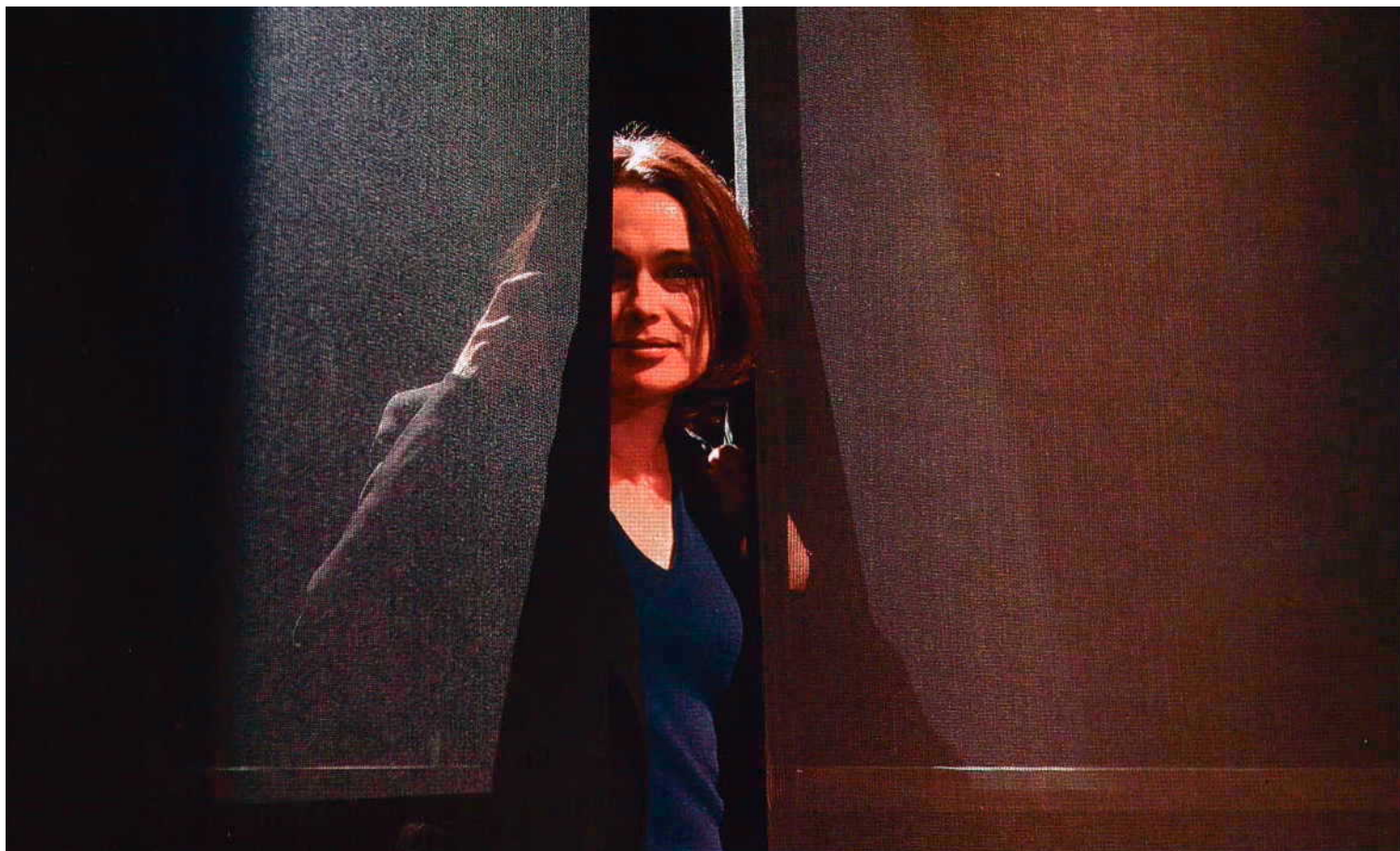
## Que histórias ouviram durante este último ano que passaram pelas casas-abrigo da APAV?

A história dominante é o desejo de ter um homem que as trate com carinho, amor e respeito. Por trás disso, há o medo, a tendência de perdoar; a tentação de voltar para uma relação de abuso. Mas, no fundo, todas têm apenas o desejo de serem amadas. O que me apercebi também é que, apesar de serem de vários extractos sociais, são todas a mesma mulher; a história é sempre a mesma. E o que é mais incrível é que nenhuma de nós se livra de vir a cair numa relação de violência ou até de já ter estado

EM OPERAÇÃO OUTONO Ana Padrão encarna o papel de Maria Iva, mulher do General Humberto Delgado







A PEÇA *Amor!* conta com as interpretações de Helena Laureano, Nuno Homem de Sá, Amélia Videira, Lavínia Moreira e Cátia Ribeiro. O texto é de Bárbara Menezes Ferreira

nessa situação! Porque isto tem a ver com paixão, com capacidade de perdoar, com um desgaste e uma anulação da personalidade e isso é uma coisa independente de sermos pessoas fortíssimas! Depois as pessoas que não estão familiarizadas com o tema também têm sentimentos iguais: ou pura e simplesmente não querem saber ou pensam: 'elas gostam é de levar porrada!'. No fundo há esse preconceito.

#### O que diz a APAV?

Segundo a APAV, este ano já morreram muito mais pessoas do que o ano passado. Tratam-se de mulheres cada vez mais jovens, em relações cada vez mais curtas (6/7 anos), e o que acontece é que as coisas são muito mais violentas e elas acabam mesmo por ser obrigadas a sair de casa porque estão em risco. E estou a falar de uma violência física e verbal. Em Portugal a violência psicológica nem sequer é crime...

#### E essa violência começa antes ou depois do casamento?

Começa muito antes. Cada vez há mais violência entre namorados. Mas também há

homens vítimas, principalmente em casais homossexuais. A lógica das vítimas é: 'Se ele tem ciúmes é porque gosta de mim'. Na verdade, esse ciúme significa controlo que conduz à manipulação. É um processo que demora o seu tempo. E depois ouvem-se coisas do género 'tu não tens razões para apanhar, mas ele tem razões para te bater!'.  
**Depois do Casino, pensam levar a peça a outros palcos?**

Esse é o nosso grande objectivo. Esta peça é universal e queremos-la levar ao maior número de sítios possível.

**Entretanto, o público também pode vê-la no filme Operação Outono, no papel de mulher do General Humberto Delgado. Como foi participar neste filme feito pelo neto do General?**

Essa experiência foi extraordinária. Foi um processo muito complicado porque é sempre difícil fazer filmes de época (bom, agora já é complicado é fazer filmes, ponto final!) mas o envolvimento com a família foi uma coisa realmente extraordinária. É um filme

que devia ser mostrado como se fosse uma bandeira.

#### Chegou a conhecer Maria Iva Delgado?

Sim, tem 104 anos! É uma mulher extraordinária e está bastante lúcida. Conheci o resto da família, filmámos em casa deles e é uma história muito especial. Ela foi tudo para ele: secretária, organizadora, mãe... Aquele ditado que diz 'atrás de um grande homem, há sempre uma grande mulher', neste caso não podia ser mais verdade. E a família continuou super unida mesmo depois do assassinato de Humberto Delgado. O filme é extraordinário, primeiro pelo processo de investigação que durou quatro anos de trabalho conjunto do Bruno Almeida [realizador] com o Frederico, o neto do General; depois, pelo facto de nós acompanharmos todo o processo. E o guião foi dos melhores que tive em mãos! Nos dias que correm, depois do que aconteceu na última manifestação à porta da Assembleia da República, e com este filme, percebemos como é que fizemos uma revolução com cravos – o que é maravilhoso – mas como há tanta coisa que não mudou. Estamos exactamente no mesmo sítio. Uma revolução para quê?

patricia.cintra@sol.pt

«A lógica das vítimas é: 'Se ele tem ciúmes é porque gosta de mim'. Só que esse ciúme conduz à manipulação»



entrevista

**HELENA LAUREANO** revela um dos seus maiores desejos

# "Gostava de ser mãe outra vez"

**Diz que ainda é a menina que cresceu em Sesimbra e que a fama não a mudou. Sem complexos, fala de tudo: dos amores ao medo de envelhecer**

**S**empre bem-disposta e espontânea, **Helena Laureano** conversou com a **tvmais** e não se fez rogada nas respostas. No dia 4 de outubro, completou 45 anos e admite estar orgulhosa do seu percurso. Confessa-se uma mulher madura, de bem com a vida e que não põe de lado ter um segundo filho. **Antes de mais, parabéns pela nomeação de "Rosa Fogo" ao Emmy.** Obrigada! Fiquei muito contente porque quer dizer que a ficção portuguesa está a ter voz fora do País.

**A sua personagem, a Eduarda, era uma mulher vítima de violência doméstica. Gostou do papel?**

Gostei, claro, apesar de ela ser muito complicada. Eu e o Rogério Samora gravávamos cerca de 15 cenas de pancada por dia. Saíamos exaustos, mas, de certa forma, também revigorada.

**Consegue ver-se a si, Helena, no papel de vítima de violência doméstica?** Nunca digo "desta água não beberei". Somos todos humanos.

**Cerca de dois meses após o fim das gravações, em maio, teve um problema de saúde (uma infeção nos rins) que a obrigou a ficar internada. Foi um**

**momento complicado?**

Apanhei um grande, grande susto. Mas aquela bactéria meteu-se com a pessoa errada!

**E como tudo aconteceu no Funchal, estava longe da família...**

Sim, a minha filha sofreu imenso. Quando cheguei, ela estava péssima, coitadinha... Mas o pior foi quando me preparava para regressar a Lisboa, e a bactéria passou dos rins para os pulmões. Se tivesse voado nessa altura, aí sim, tinha sido muito mau.

**Porquê?**

Para regressar, o avião teria de voar a uma altitude mais baixa do que o habitual, levar comigo uma

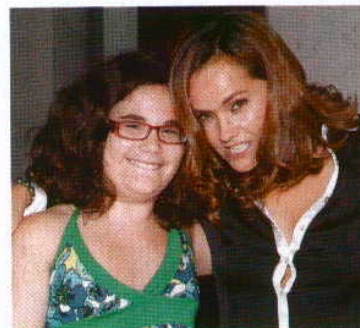
garrafa de oxigénio e ir direta para o hospital. Foi então que a doutora Susana Chaves, a quem devo a vida, me disse para ficar no Funchal. Aí, parei para pensar e para fazer um balanço da minha vida.

**Precisava de o fazer?**

Precisava de parar e refletir.

**Depois disso, disse-se que ia para África fazer voluntariado, mas não foi. O que aconteceu?**

Não fui devido a uma série de circunstâncias, mas estou a ajudar de outra maneira. Contribuo financeiramente, dou roupas, brinquedos. Entretanto, apadrinhei um menino, o Gildo, de 3 anos. Tenho a



A atriz é mãe de **Beatriz**, de 13 anos, fruto da relação de oito anos com o também ator **João Cabral**

## O PRIMEIRO GRANDE AMOR

Apesar de ter sido o seu companheiro mais famoso, **João Cabral** não foi o seu primeiro amor.

**"Tive um namorado dos 16 aos 24, e pensei que ele ia ser o pai dos meus filhos",** conta. Mas os planos não se concretizaram: **"Casámo-nos, mas, passado um ano, estávamos separados".**

fotografia dele emoldurada ao lado da da minha filha.

**Gostava de o conhecer?**

Eu vou conhecê-lo! Talvez depois da novela [a substitua de "Dancin'Days"] que espero gravar em breve, na SIC. O próximo passo é enviar-lhe uma carta e fotografias minhas e da Beatriz.

**Pensa ser mãe outra vez?**

Gostava muito. É um desejo que agora está mais presente e se pode traduzir num

plano. Mas tenho 45 anos e sempre tive dificuldade em engravidar, portanto, não sei... Não me quero entusiasmar e depois levar um balde de água fria. Vamos ver.

**Já há um candidato a pai, portanto...**

O amor paira no ar! Estou bem de amores, graças a Deus. Há, de facto, uma pessoa, mas prefiro não falar disso. Cada coisa a seu tempo.





## De volta aos palcos

Enquanto não começa a gravar a próxima novela da SIC, **Helena Laureano** vai voltar aos palcos, com a peça "Amor Doentio", encenada por Ana Padrão. Mais uma vez, a atriz vai dar corpo a uma mulher vítima de violência doméstica, Ana. O projeto, realizado em parceria com a APAV (Associação de Proteção à Vítima) deverá estrear a 23 de novembro, no Casino Estoril.

Em "Rosa Fogo", a atriz fez de **Eduarda**, uma mulher vítima de abusos do marido, José da Maia (Rogério Samora)



## Medo de envelhecer

**Fez 45 anos. Comemorou?**  
Fiz uma coisa que nunca tinha feito: uma festa com muitos amigos. Éramos precisamente 45. Quis rodear-me de amigos e das pessoas de quem gosto. No ano passado, estava triste, por isso, só almocei com a minha filha e a minha mãe... Este ano, estou de bem com a vida.  
**O envelhecimento físico**

**é algo que a incomoda?**  
Claro, mas assusta-me mais o psicológico e a perda de autonomia.  
**Disse que pensa fazer uns retoques a nível de cirurgia estética. Preocupa-se com a imagem?**  
É óbvio que não gosto de olhar para o espelho e ver celulite, mas também não

**"Só me arrependo de ter posto implantes mamários"**

faço nada por isso: comer é um dos prazeres de que não prescindo, não faço exercício... Quanto a plásticas, não tenho nada contra isso. Só me arrependo um bocadinho de ter posto implantes mamários. Ainda não me habituei e não gosto de me ver.  
**E o que sente quando vê as suas fotografias no**

**concurso Miss Portugal, em 1988, com 21 anos?**  
Penso que era muito ingênua e que devia ter aproveitado mais! Gosto de ver e dá-me uma certa nostalgia, mas hoje sou uma mulher completa.  
**Mas ainda se revê naquelas fotos?**  
Claro. Continuo a mesma, só mais maluca! Nada me segura o nariz: a fama não me mudou e a minha essência está cá toda.